

Mais de cem ataques contra albinos

Notícias, Sociedade, 10.03.2017, pág. 05, 29.991

MAIS de cem ataques contra pessoas portadoras do albinismo devem ter ocorrido em Moçambique de 2014 a 2016, segundo estimativas do relatório sobre a matéria, apresentado semana passada em Genebra.

A especialista Ikponwosa Ero, que elaborou um relatório sobre pessoas com albinismo no mundo para a Organização das Nações Unidas (ONU), disse que a situação "em Moçambique requer atenção urgente e imediata".

"Situações semelhantes existem na maior parte da África subsaariana. No entanto, o número de ataques registados em Moçambi-

que é um dos mais altos", explicou a especialista acrescentando que "o ciclo de violência, ataques e discriminação tem de terminar."

Ikponwosa Ero apresentou um relatório na semana passada, em Genebra, perante o Conselho de Direitos Humanos da ONU, que inclui as conclusões sobre Moçambique feitas depois de uma viagem ao país em Setembro do ano passado.

Dados oficiais apresentados pelo Governo indicam que em 2015, 47 albinos foram atacados.

No seguimento destes ataques, o governo moçambicano colocou em prática uma série de medidas,

como a acusação de 91 suspeitos de envolvimento (oito foram condenados) e uma forte campanha de sensibilização.

O relatório garante que estas medidas "precisam de continuar, mesmo em face de desafios económicos e políticos."

"Moçambique encara neste momento vários desafios socio-económicos e políticos. Neste contexto, os ataques violentos e discriminação contra pessoas com albinismo enfrentam um risco real de serem ignorados", alerta o relatório, garantindo que pode acontecer "um ressurgir dos ataques."

"Além disso, a situação económica pode encorajar o recurso à feitiçaria, incluindo o uso de partes do corpo de pessoas com albinismo", explica a especialista citada pela Lusa.

Neste contexto, aconselha o governo a recolher mais informação sobre a situação e propõe incluir uma pergunta sobre albinismo no censo previsto para este ano.

Pelo menos 600 pessoas com albinismo foram vítimas de ataques em 27 países nos últimos seis anos, segundo o Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos.